

Comentário sobre A mãe winnicottiana – um oxímoro?

Roberto Cooper

Universidade Estácio de Sá

Como pediatra de profissão tenho uma certa liberdade de não ser preciso nos conceitos winnicottianos. Deixo essa precisão e profundidade para as e os terapeutas bem-formados aqui presentes. Como provocador por vocação, tenho a intenção de produzir uma boa conversa, reflexiva, fora das caixinhas tradicionais, a começar pelo título que escolhi: A mãe winnicottiana, um oxímoro?

Me ocorreu que se conseguíssemos definir, desenhar, descrever, uma mãe winnicottiana esta não seria winnicottiana. Não no sentido com que Winnicott percebeu a mãe (ou no sentido como eu percebi que Winnicott percebeu...). A ideia de uma mãe winnicottiana traz, contida nela, alguma alusão a uma maternagem correta, melhor, superior. Haveria mães winnicottianas e as demais ou as não winnicottianas. Me parece, do pouco que sei, que a ideia de um modo correto de ser mãe não era o que Winnicott tinha em mente quando falava da importância da mãe no desenvolvimento do bebê e da criança. Winnicott buscava remover do ombro das mães o que seria um peso desnecessário, o da performance, o do juízo de si e dos outros. Levanto a hipótese de que se falarmos sobre a mãe winnicottiana em uma cultura de performance, comparações, juízos, algoritmos, quantificação e objetividade pode contribuir para algo que, suponho, nenhum de nós aqui deseja. Seria substituir um saber imposto, de fora para dentro, por outro, igualmente imposto. Imaginem o horror que seria, amanhã, cursinhos para mães suficientemente boas. Curso winnicottiano que vai ensinar a você, mãe inexperiente, incompetente, tudo que precisa saber a respeito de *holding* e *handling*. Ao final do curso você poderá se sentir uma mãe suficientemente boa e, portanto, melhor do que as demais! Evidentemente que carreguei nas cores da ironia e da caricatura, mas queria deixar claro que, a meu juízo, devemos ficar atentos ao risco, ainda que involuntário (ou inconsciente) que podemos estar correndo.

Para reforçar meu argumento, cito Winnicott: “Em vez de tentarem ensinar à mãe como fazer o que na verdade não pode ser ensinado, os pediatras deveriam reconhecer, em algum momento, que estão diante de uma boa mãe, e garantir que ela terá total possibilidade de crescer na realização de sua tarefa. É possível e talvez inevitável que venha a cometer erros, mas se

através deles ela vier a fazer melhor nas tentativas seguintes, ao final haverá um saldo positivo.”
(*Os bebês e suas mães*).

Se não podemos ensinar o que não pode ser ensinado, o que podemos fazer? Desensinar o que foi ensinado!! Desconstruir a mãe fabril, a mãe técnica, a mãe que faz tudo certo, pela mãe que sente e está com seu bebê. Remover as camadas de bobagens que a cultura impõe é tarefa difícil e só pode ser empreendida por profissionais de saúde acolhedores e perseverantes. Nunca por profissionais de saúde normatizadores. Nesse sentido, vamos lembrar como surgiu a expressão mãe suficientemente boa ao vermos o relato de Winnicott do seu encontro com a produtora da BBC, Miss Isa Benzie, para combinar uma série de nove palestras, quando surgiu o termo *ordinary devoted mother*.

Eu disse a ela que não tinha o menor interesse em tentar dizer o que as pessoas deveriam fazer. Para começar, eu não sei. O que eu gostaria de conversar com as mães é a respeito do que fazem bem simplesmente por que cada mãe é devotada à tarefa de cuidar de uma criança ou, talvez, de gêmeos. Isso é o que ocorre normalmente e a exceção é quando um bebê precisa ser cuidado, do início, por um especialista.

Aqui, para os meus olhos (e ouvidos) eu escuto Winnicott dizendo - não existe uma mãe winnicottiana!

Um outro aspecto para pensarmos é de como a expressão “mãe winnicottiana” impacta (ou não) em uma visão patriarcal, machista da maternidade. Se a mãe winnicottiana representar a ideia libertadora de que basta ser uma mãe suficientemente boa e não ficar buscando a perfeição, esta se chocará com a cultura patriarcal vigente, de performance mensurável, quantificável, planilhável e individual.

Se a mãe winnicottiana representar o que Winnicott havia dito: “todo homem e mulher saudável, todo homem e mulher com um sentimento de ser uma pessoa no mundo e para quem o mundo significa algo, toda pessoa feliz, tem uma dívida infinita com uma mulher”, então contribuiremos para uma trinca no edifício patriarcal.

No entanto, temo que seria ingenuidade nossa não perceber o poder do patriarcado e, nesse sentido, a mãe winnicottiana pode ser mais um meio do machismo excluir a mulher, reforçando a figura da mãe como assexuada, desprovida de desejos, de individualidade. Um ser que se anula, na abnegação e dedicação total aos filhos, neutralizando a ameaça que paira sobre os homens, quando o assunto é mulher. Transformemo-las em mães, exclusivamente mães, e coloquemo-las em um pedestal (de santa), cobrindo-as com homenagens e rapapés, que as deixem imobilizadas, paralisadas, incapazes de viver a mulher que são.

Finalmente, a existência de uma mãe assim ou assado, devolve aos ombros dessa mulher o que Winnicott quis remover: o peso do cuidar solitário e a culpa de não dar conta desse cuidar. Bebês não foram feitos para uma mulher (uma pessoa ou um casal) cuidar. Bebês, por sua dependência absoluta, precisam de pais protegidos por uma rede de sustentação, coisa que o patriarcado e a sociedade competitiva, meritocrática (ilusoriamente), eliminaram, deixando à mulher todo o labor que filhos demandam, liberando o homem para a sua vida, de provedor (dono), bebedor de *chopp* com os amigos, praticante de esportes etc. Isso tudo usando um argumento falacioso de divisão de tarefas. Você cuida das crianças e eu trabalho. Somos um casal moderno e eu não sou machista. O marido moderno até ajuda com as crianças! Ajudar significa fazer algo que pertence ao outro. É um favor. Algo muito diferente de compartilhar, dividir.

Cabe aos profissionais de saúde envolvidos no cuidado com mulheres e homens que se tornaram mães e pais, se abster de normatizar (mais comum com médicos). Metaforicamente, deveríamos fazer *holding* e *handling* nos primórdios desse trio, para que, progressivamente, desenvolvam sua independência relativa.

Caberia também ajudar à mulher (e à família) a percepção de que, na maternagem, o feminino coexiste com o maternal.

O profissional de saúde suficientemente bom, não precisa, necessariamente, fazer algo. Muitas vezes é só estar ao lado da mulher (ou dos cuidadores) de forma acolhedora.

Quem precisa ser winnicottiano é o profissional de saúde, não a mãe!

Sobre o texto: Comentário realizado na Jornada de Pediatria de 2022, promovida pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana, sob o título: A mãe winnicottiana – um oxímoro?